



Livro-reportagem, jornalismo literário e perfil: alternativas para um jornalismo aprofundado e humanizado¹

Regis Torquato de Araújo Tavares²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O presente artigo tenta apresentar o livro-reportagem, o jornalismo literário e o perfil humanizado de forma a oferecer, a partir de suas proposições teórico-práticas e daquilo que os diferencia do jornalismo periódico superficializado, alternativas para a construção de narrativas que privilegiem o mergulho profundo na realidade, o maior requinte estilístico e a humanização do relato e da fonte de informação. Num primeiro momento, exporemos o livro-reportagem como extensão do jornalismo cotidiano para, assim, expor contribuições da literatura e da humanização do perfil na captação e construção da grande reportagem.

Palavras-chave: jornalismo, livro-reportagem; perfil humanizado; literatura.

Introdução

De modo preliminar, partimos do pressuposto de que a noticiabilidade nos veículos de comunicação é negativamente afetada pelas rotinas produtivas, bem como pela exigência diária da cobertura jornalística. Segundo Mauro Wolf (1995) quando explica as teorias do *newsmaking*, o profissional jornalista, que atua na imprensa como sujeito construtor da verdade — o *gatekeeper* —, sofre, no processo de produção da informação, influências da cultura de trabalho no qual está inserido e está subordinado a critérios de noticiabilidade que o orientam na elaboração mais rápida do noticiário.

Todo esse processo de construção da informação, aliado a escassez de tempo nas redações, transforma o trabalho do comunicador numa rotina de escala industrial, contribuindo para um jornalismo superficial e carente de teor humanista.

É objetivo deste artigo, então, demonstrar que há recursos, no próprio jornalismo e em outras áreas, que possibilitam a feitura de reportagens mais densas, de profundidade, que busquem as raízes dos problemas, os efeitos notados e os desfechos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do 7º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: registorquato@gmail.com



possíveis, sem desprezar a carga humanitária presente nas relações interpessoais entre repórter e entrevistado e entre repórter e ambiente.

O livro-reportagem como extensão do jornalismo cotidiano

Para que façamos melhor elucubração quanto ao livro-reportagem, é mister o definirmos primeiramente quanto aos conceitos que sua morfologia gramatical sugere. O vocábulo *livro*, segundo o dicionário Houaiss, “é uma coleção de folhas de papel reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos [Para fins de documentação, é uma publicação não periódica com mais de 48 páginas, além da capa.]” (HOUAISS, 2009).

Quanto à *reportagem*, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari explicam que se trata do “desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê)” a partir de uma *narrativa* — fator condicionante — regida pela realidade factual, tendo como principais características “a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista e d) objetividade dos fatos narrados”. (SODRÉ, 1986, p.11 e 15).

As definições isoladas são, neste momento, pertinentes, já que as análises em torno do livro-reportagem costumam o associar somente ao jornalismo e à grande reportagem em detrimento da editoração, do mercado editorial e de tudo que ao produto livro se refere.³ E essa visão por vezes unilateral costuma provocar equívocos, como explica Cleofe Monteiro de Sequeira citando o jornalista Percival de Souza:

A confusão, mesmo no meio jornalístico, com relação ao livro-reportagem é comum, pois muitos acham, segundo o repórter [*Percival de Souza*], que o livro republica a matéria que saiu no jornal. “Nunca transformo uma matéria em livro. Construo um novo texto, muito mais aprofundado, com informações que não entraram na matéria (...)”. O texto também é diferente, tem outra característica, há mais liberdade com relação ao idioma, pois embora seja um texto jornalístico, o autor pode “ousar em termos literários” e sair das limitações textuais do jornalismo de hoje, “que impõe ao repórter uma camisa-de-força que é o manual de redação”. (SEQUEIRA, 2005, p.53).

³ Não se pode deixar de lado o caráter livresco do livro-reportagem enquanto produto midiático. Tal especialidade o marca e torna-se um grande diferencial comparado a um produto exclusivamente jornalístico. Podemos perceber, por exemplo, que, num país como o Brasil, haja visto as desigualdades econômicas e as disparidades educacionais, nem sempre os consumidores de jornais são os mesmos consumidores de livros.



Mas é indiscutível a atrelagem do livro-reportagem com o jornalismo, sendo este o pilar daquele. Como explica Edvaldo Pereira Lima, o livro-reportagem procede, em essência, do jornalismo, tanto pelos recursos técnicos empregados como pelos profissionais que o produzem — os autores de livro-reportagem são, quase sempre, jornalistas —, sendo sua realidade essencial “determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo como um todo” (LIMA, 1995, p.20).

O que distingue o livro-reportagem das demais publicações classificadas como livro, segundo Lima, são condições estreitamente ligadas ao fazer jornalístico: quanto à *elaboração*, incorpora os procedimentos operacionais típicos da imprensa, como pauta, coleta, redação e edição; quanto ao *conteúdo*, o objeto de abordagem corresponde ao real, ao factual; quanto ao *tratamento*, compreendendo a linguagem, o livro-reportagem apresenta-se como eminentemente jornalístico; e quanto à *função*, pode servir a distintas finalidades a partir do objetivo jornalístico fundamental de informar, orientar, explicar.

O livro-reportagem, então, compilaria, numa reunião de páginas, relatos que se caracterizariam a partir do gênero jornalístico *reportagem*. De forma mais abrangente, abordamos o termo da mesma forma que Edvaldo Pereira Lima, para quem “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 1995, p.29).

Ainda segundo Lima (1995), o livro-reportagem cumpre o papel de preencher as lacunas deixadas pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio e pelos noticiários de televisão, caracterizando-o, assim, como uma extensão informativa e orientadora do jornalismo cotidiano. Nesse contexto, o jornalista possui maior capacidade de ampliar a compreensão da realidade, seja pela horizontalização — abordagem extensiva em termos de detalhes —, seja pela verticalização — aprofundamento, busca de causas, implicações e possíveis desdobramentos. Tais características se conformam com a visão de Cleofe Monteiro de Sequeira quando diz que,

(...) muitas vezes, ao fazer uma reportagem aprofundada, investigativa ou interpretativa, o repórter vai colhendo, ao longo do processo de captação da informação, material documental precioso, que, pelas limitações de espaço impostas pelo jornalismo, seria impossível incluir na edição de um jornal. (SEQUEIRA, 2005, p.52).



Percebemos, então, que o processo de produção dos jornais cotidianos, afetado pela rotinização das práticas produtivas, bem como pelo *deadline* dominante — e incompreensível — de algumas pautas, acaba favorecendo o surgimento de livros-reportagem. A luta contra o tempo, cotidiana nas redações, aliada à concorrência enfrentada entre os meios de comunicação, contribui para uma apresentação superficial dos relatos. Corre-se, então, nas redações, o risco diário do exercício de informações imprecisas e incompletas.

E analisando o contexto pelo viés do profissional de comunicação, o modo como é conduzido o trabalho do jornalista prejudica ainda mais o conteúdo apresentado, pois há um acúmulo de pautas a serem cumpridas por um número reduzido de jornalistas, que sequer podem desenvolver o hábito de apuração mais aprofundada, por meio de pesquisas sobre o tema e análises mais abrangentes. As grandes reportagens se tornam, assim, cada vez mais raras, recebendo, quando, enfim, acontecem, o rótulo de *reportagem especial*.

Na contramão deste modelo, gravita o livro-reportagem numa *periodicidade* e mesmo *atualidade*⁴ diferenciadas dos grandes meios de comunicação. Edvaldo Pereira Lima reforça esse diferencial explicando que, nos veículos impressos não-periódicos, como é o livro-reportagem, “o núcleo central do tempo presente deixa de ser o fato desencadeador central (...) para ser muito mais o seu contexto”, adentrando “cada vez mais no terreno da opinião, da interpretação, do aprofundamento dos fatos, em suma” (LIMA, 1995, p. 31).

Nota-se, a partir daí, que, no que se refere à temporalidade, o livro-reportagem se relaciona mais com a contemporaneidade do que com a atualidade, o que explica, mais uma vez, a compreensão do livro-reportagem como preenchedor dos espaços vazios deixados pelos periódicos, já que é a vocação destes a abordagem do factual, do atual⁵. Indo mais além, o livro-reportagem avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, atenuando a efemeridade praticada nos canais diários de informação. É no livro-reportagem onde o repórter vai encontrar espaços livres das relações empresariais e do aprisionamento da rotinização, como constata Lima:

⁴ O uso dos termos *periodicidade* e *atualidade* fazem alusão às características fundamentais dos periódicos formuladas pelo teórico alemão Otto Groth. São elas: *atualidade, periodicidade, universalidade e difusão coletiva*.

⁵ Diferentemente do convencional, Edvaldo Pereira Lima aponta uma categoria de livro-reportagem cuja relação com a atualidade é bastante estreita: trata-se do *livro-flash* ou *livro-instantâneo*, que “aproveita um fato de repercussão atual para explorá-lo enquanto o impacto reverbera pela sociedade”. Esses títulos costumam ser produzidos “com extrema rapidez, circulando muitas vezes tão-somente um mês após o acontecimento nuclear” (LIMA, 1995, p. 34).



(...) é fácil compreender que o livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. (LIMA, 1995, p. 33).

A contribuição da literatura

A segunda inquietude a qual aponta Lima parece despontar com alta relevância se percebermos a estreita ligação entre o livro-reportagem e o *jornalismo literário*. A busca pela oportunidade de escrever de modo mais solto, de modo a explorar no mais alto grau de amplitude as habilidades de narração, motiva ainda mais o jornalista quando opta pelo livro-reportagem. O autor pode, enfim, aproximar a sensibilidade — proveniente do olhar jornalístico/investigativo — dos recursos estilísticos da literatura ou mesmo do cinema.

É fundamental salientarmos que esse aprimoramento da escrita com requintes literários não se justifica simplesmente pela opressão redacional dos meios de comunicação, que não costumam dar o devido espaço para tal empreendimento. Como já citado, não podemos deixar de lado o caráter livresco do livro-reportagem. Por se tratar de material de grande densidade em termos de conteúdo e extensão, há sempre o risco de o leitor encarar o texto com certa monotonia, necessitando de mudanças no chamado ritmo narrativo. Em *O que é livro-reportagem* (1993) Edvaldo Pereira Lima nos esclarece quanto a essa necessidade de escrita mais dinâmica:

Para contornar o problema, os autores devem utilizar os mais diferentes artifícios de construção de texto, de modo que haja variação do ritmo narrativo, mudança de certas características do estilo, alterações do ponto de vista — de perspectiva sob a qual o tema em foco está sendo tratado em seu texto — e assim por diante, fazendo uso de uma variada bateria de recursos disponíveis. Tudo para que sua mensagem seja fluente, capaz de captar e manter o interesse do leitor, do princípio ao fim (LIMA, 1993, p. 43).

Daí a importância da literatura no jornalismo, pois ela é comumente usada para garantir, como bem diz Lima (1995), a *fluência* entre conteúdo e forma de maneira *elegante*. Sergio Vilas Boas, da Academia Brasileira de Educação e Jornalismo



Literário, a ABJL, ressalta o caráter alternativo do jornalismo literário em meio ao conservadorismo das matérias convencionais:

(...) o jornalismo literário é uma entre as várias alternativas para a oxigenação dos textos às vezes herméticos (da academia), pernósticos (dos colunistas) ou banais (dos noticiários). As reportagens especiais de fôlego estão retornando ao cenário, aqui e ali. E então podemos reafirmar que a índole do jornalismo literário é exatamente fazer que conteúdo e forma sejam parceiros de uma mesma aventura (VILAS BOAS, 2007, p. 10).

Um exemplo clássico de utilização bem sucedida dos recursos literários no jornalismo foi a sofisticação estilística alcançada pelo *new journalism* americano, uma tendência nas décadas de 1960⁶ e 1970. Neste período, revigorou na imprensa americana a grande reportagem, em especial na forma de livro.

Uma das características que marcaram o chamado novo jornalismo, segundo Lima, foi a influência da corrente literária denominada *realismo social*⁷. Lima aponta quatro recursos técnicos do novo jornalismo que foram apropriados dos escritores realistas: *ponto de vista* (narrativas sob a perspectiva de diferentes atores — variação entre primeira e terceira pessoa); *fluxo de consciência* (reprodução do pensamento do personagem, bem como introdução do ponto de vista autobiográfico); *diálogos* (usados no modo mais natural possível, de modo a envolver o leitor num texto mais fidedigno e ritmado) e *construção cena-a-cena* (fuga do relato puramente histórico e distanciado, dando ênfase às diferentes cenas, que, juntas, formam o quadro dinâmico da narrativa).

Os dois últimos — diálogos e construção cena-a-cena — se inserem, ainda segundo Lima, no recurso chamado *símbolos do status da vida* ou simplesmente *símbolos do cotidiano*, que se caracterizam por uma impressão mais densa do relato a partir do registro de gestos, costumes, cenários e tudo mais que possa situar o leitor na captação daquilo que está se descrevendo.

Justamente no campo da *captação*, existem outros recursos fora do círculo jornalístico pelos quais o livro-reportagem tem procurado se guiar. Das Ciências Sociais, os mais utilizados são os de *histórias de vida* e *observação participante*. Esses métodos de captação serão melhor abordados brevemente no âmbito da construção do perfil jornalístico no livro-reportagem.

⁶ As influências notadas no jornalismo norte-americano também se fizeram presentes no Brasil, tendo maior expressão na revista *Realidade*, lançada em 1966 pela editora Abril (LIMA, 1993, p. 51).

⁷ São exemplos de escritores ficcionistas da corrente do realismo social nomes como Honoré de Balzac e Charles Dickens.

O perfil jornalístico e a humanização no livro-reportagem

Entende-se *perfil* neste artigo da mesma maneira que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, que definem o perfil a partir da apresentação em forma de descrição (interna ou externa) de um personagem (SODRÉ, 1986, p. 125). Dentre as mais variadas classificações⁸ de livros-reportagem, detemo-nos no tipo *perfil* a partir do entendimento de que o *livro-reportagem-perfil*, dentre os demais, é o que possui maior capacidade de ruptura com o estilo de jornalismo convencionalmente produzido nas redações diárias, podendo, com mais potencialidade, beber dos recursos de captação e escrita inspirados na literatura.

Por motivo técnico de conceituação, delimitamos o livro-reportagem-perfil de acordo com a classificação formulada por Edvaldo Pereira Lima, quando diz do que se trata essa modalidade:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima, que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão⁹ (LIMA, 1995, p. 45).

Tratando, então, especificamente, do perfil jornalístico, Cremilda de Araújo Medina contribui para o conceito de perfil quando, vinculado-o às entrevistas de caráter compreensivo, chama-o de *perfil humanizado*¹⁰:

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida (MEDINA, 1995, p. 18).

⁸ Edvaldo Pereira Lima propõe classificá-los quanto ao objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade, e quanto à natureza do tema de que trata a obra. Assim, o autor classifica-os entre os tipos perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem.

⁹ Segundo o mesmo autor, o *livro-reportagem-biografia* é uma variante dessa modalidade (LIMA, 1995, p. 45)

¹⁰ Medina vincula o perfil humanizado às entrevistas de compreensão-aprofundamento. A autora se utiliza, nesse caso, da classificação de entrevistas de Edgar Morin, que as diferencia por objetivos: entrevistas cujo objetivo é espetacularizar o ser humano; e entrevistas que esboçam a intenção de compreendê-lo (MEDINA, 1995, pp.14 - 18)



Indo mais além, a autora reconhece no perfil um caráter de ruptura conceitual no jornalismo quando afirma que “justamente nos perfis há fôlego de renovação, logros respeitáveis”, concluindo que “em especial a partir dos anos 50, começam a valorizar a humanização das chamadas fontes de informação”, a exemplo de *O Cruzeiro*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, revistas *Quatro Rodas*, *Realidade* e *Bondinho*.

O que nos interessa, a partir desses conceitos, é ressaltar a perfeita adequação do perfil com o livro-reportagem a partir da experiência do jornalismo literário. O perfil jornalístico possui a vantagem de unir a *objetividade histórica* — e lógica — de uma personagem social com as *apreensões subjetivas* — as impressões — tanto do perfilado como do jornalista que o apresenta, resultando num conteúdo rico em expressão e socialmente relevante.

É notável, e encantador, no processo de configuração do perfil, a relação conflituosa e, ao mesmo tempo, conciliatória entre jornalista e fonte no momento da entrevista. Inicia-se dessa relação ontológica todo o conteúdo da entrevista e, conseqüentemente, do perfil produzido. Da postura ontológica na entrevista, Edgar Morin (1973 *apud* MEDINA, 1995, p. 13) diz que “é necessário que o entrevistado sinta um ótimo de distância e proximidade e, igualmente, um ótimo de projeção e identificação em relação ao investigador”. E Martin Buber (1982 *apud* MEDINA, 1995, p.13), analisando o mesmo, vem constatar que a única possibilidade de autenticidade, verdade, entre os dois interlocutores é “a entrega do *eu* ao *tu*, um *tu-pessoa* e não um *tu-isto*”. Sergio Vilas Boas também contribui para um melhor entendimento da conexão entre o *eu* e o *tu-pessoa* quando explica o papel do perfil jornalístico no jornalismo:

“Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor” (VILAS BOAS, 2003, p.14).

O entendimento da relação com a fonte de informação e a construção da empatia é facilmente verificados na construção do perfil quando, na sua produção, o autor faz uso de técnicas de captação da informação como *histórias de vida* e *observação participante*, recursos oriundos das Ciências Sociais. “São métodos que



permitem um relato do real minimamente viciado pela interferência do autor, na medida em que se busca respeitar ao máximo a cultura e a linguagem dos personagens” (LIMA, 1993, p. 38).

Nas *histórias de vida*, por exemplo, o repórter pouco interfere, procurando apenas ligar a narrativa do personagem de modo a fazê-lo entendido para o leitor. É bastante comum no uso dessa técnica a reprodução de diálogos. Evitando o desnecessário, o que prevalece na construção do perfil é a entrevista em si, a vida do personagem, sua trajetória de vida.

Na *observação participante*, o repórter busca um mergulho profundo na vida do personagem, de forma a sentir o outro na própria pele. Como relata Lima, foi um recurso bastante utilizado pelos adeptos do novo jornalismo dos anos 60:

Sentir, perceber, emocionar, utilizar o potencial sensório do corpo era a ordem dos novos tempos. Quando o new journalism esboça-se, sua forma de captação do real vai se caracterizar também por esse mergulho de cabeça no sensual, no sensório (LIMA, 1995, p.95).

Portanto, na construção de um livro-reportagem que tem como pretensão traçar um perfil humanizador, só um mergulho nos acontecimentos e situações, o *viver na pele*, pode propiciar o envolvimento necessário para perceber o potencial sensório e emocional na vida de cada indivíduo observado no processo de captação.

Considerações Finais

É pertinente, então, ressaltar a importância que possui um veículo jornalístico como o livro-reportagem em tempos de proliferação da informação rala, pontual, efêmera, em moldes exclusivamente noticiosos, sem contribuição para uma compreensão ampla da contemporaneidade.

Evidentemente, não se pode descartar o papel da notícia enquanto poderoso instrumento de publicização dos acontecimentos de relevância social, mas a linha editorial que vem ganhando força nos meios de comunicação preconiza a avalanche da informação em detrimento da compreensão, da interpretação.



E é justamente na contramão do efeito *disfunção narcotizante*¹¹ que o presente artigo se justifica. O excesso de informação faz surgir duas necessidades urgentes nos meios de comunicação: o aprofundamento dos temas abordados e a humanização do relato. Diante das explanações apresentadas, o livro-reportagem e o perfil humanizado, a partir de seus conceitos e a partir das contribuições expostas por diversos autores aqui presentes, mostram-se como alternativas para um modo diferente de encarar o papel do jornalismo no nosso cotidiano e o papel do jornalista no processo comunicativo.

O livro-reportagem e o perfil humanizado podem enriquecer a grande reportagem — valorizando-a, assim — e *despertar* o espírito de entrega e de amor pelo ofício a que se refere o jornalista Ricardo Kotscho:

Há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça no assunto, esquecer tudo o mais para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história. A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia — e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício (KOTSCHO, 2002, p.71).

Referências bibliográficas

BUBER, Martin. **Do diálogo e do diálogo**. São Paulo: Perspectiva, 1982 *apud* MEDINA, Cremilda. **Entrevista - o diálogo possível**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

¹¹ Expressão dos teóricos Robert Merton e Paul Lazarsfeld para indicar o efeito de apatia social gerada pela quantidade de informação e atualização imediata nos meios de comunicação. O indivíduo contentar-se-ia com a informação a ponto de privar-se da ação.



MEDINA, Cremilda. **Entrevista - o diálogo possível**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham A. Et alii. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1973 *apud* MEDINA, Cremilda. **Entrevista - o diálogo possível**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística** / Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari. — São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio, (org.). **Jornalistas literários – narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.